ESPAÇOS DE DESCARTE NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO SOBRE ATERROS SANITÁRIOS E CEMITÉRIOS

Mayana Brumatte, Pedro Ribeiro Moreira Neto, Luiz Carlos Andrade de Aquino

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, mayanabrumatte@gmail.com, pedroribeiro@univap.br, aquino@univap.br.

Resumo

Os meios de produção de espaços públicos urbanos modernos e contemporâneos são alvos de constantes estudos e pesquisas na área de planejamento urbano, contudo os resíduos a ele pertencentes são ainda um problema ignorado ou subdimensionado no viés de planejamento. O descarte, mesmo sendo o ponto final da vasta maioria da produção capitalista, não é alvo de atenção. Do lado humanista, o inevitável para todos os seres humanos é o mesmo: a morte. Contudo, as práticas de destino aos cadáveres também se mostram marginalizadas e empacadas em padrões coloniais de sepultamento. Ambos os espaços, além do óbvio caráter de descarte, têm em comum a marginalização imediata de suas identidades, sendo visualizados no vocabulário urbanístico como “não-lugares”. O presente artigo possui caráter exploratório e como resultado busca traçar alguns paralelos entre estes espaços, bem como apontar a falta de desenvolvimento deles em relação aos espaços producentes, visando reunir sistematicamente os problemas e preconceitos conjuntos desses não-lugares na sociedade urbana.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Espaços de Descarte. Lixões e aterros. Cemitérios.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas. Planejamento Urbano e Regional.

Introdução

> A “aceleração” da história corresponde de fato a uma multiplicação de acontecimentos na maioria das vezes não previstos pelos economistas, historiadores ou sociólogos. A superabundância factual é que constitui problema, e não tanto os horrores do século XX […] (Augé, 2012, p. 31).

Na pós-modernidade a constante produção e facilidade de uma rápida reprodução, as infraestruturas modernas começaram a possuir características semelhantes facilmente replicáveis e gerando imperativos de homogeneidade que se tornaram a representação do século.

Os imperativos socioespaciais das cidades do século XXI exigem uma reflexão acerca das infraestruturas de descarte, inclusive sobre o destino dos corpos mortos, e de como o planejamento lida com o conflito de acúmulo de lixo do espaço urbano. Considerando que o(s) grande(s) ator(es) dos espaços públicos são os geradores da capital, espaços públicos não lucrativos, que não são de interesse de capital imobiliário, industrial, financeiro etc., acabam sendo invisibilizados em questões inovativas. É citado na coletânea “Pensando o Espaço do Homem” de Santos (1997), no texto “O Presente como Espaço”, que a atualidade dos espaços urbanos estão “[...] cristalizados como objetos geográficos [...]” (p.10). Porém, pode-se dizer que os não-lugares de descarte estão calcificados e não cristalizados do espaço, estes estão rígidos, opacos, apagados, cobertos e encalacrados no imaginário com uma única identidade pejorativa que não garante o seu melhor uso.

Esta seletividade espacial pune os espaços, os deixando congelados em conceitos espaciais antigos, conservando categorias envelhecidas que são reproduzidas em todo o território brasileiro de maneira homogênea desde pelo menos, a revolução industrial. Como objetivo para este estudo, buscamos traçar alguns paralelos entre a reputação dos espaços de descarte, destacando assim sua importância para o planejamento urbano.

Metodologia

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e possui caráter exploratório que tem como objetivo apresentar as similaridades e os contrastes das reputações dos espaços de descarte da sociedade pós-moderna. Para tal, utilizamos textos como os de Augé (2012), Haesbaert (2007) e Santos (1997). A abordagem de Augé aos não-lugares está enraizada na antropologia, enfatizando como esses espaços afetam as experiências humanas, percepções e interações sociais nos ambientes urbanos modernos. Em Haesbaert, buscamos os conceitos de espaços funcionais e simbólicos, analisando como os espaços funcionais e simbólicos são afetados por processos de globalização, urbanização acelerada, gentrificação e resistências locais. Essas transformações podem alterar a percepção e o uso dos espaços, provocando debates sobre identidade territorial, justiça espacial e direito à cidade. Já em Santos, utilizamos a discussão de como os espaços urbanos não são apenas físicos, mas, também, carregam significados simbólicos e emocionais para as pessoas que os habitam, frequentam e utilizam. Esses 3 autores solidificam a base metodológica e bibliográfica nos levando a entender o porquê das reputações negativas de espaços de descarte.

Resultados

De acordo com Gouveia (2012) a destinação dos resíduos no Brasil é um problema constante que se evidencia em quase todos os municípios, por se defrontarem com a escassez de recursos para investimento na coleta e no processamento e disposição final dos resíduos. Sabe-se que o lixo mal administrado traz inúmeros problemas: transmissão de doenças,entupimento de bueiros, aumentando os riscos de enchentes, poluição visual, de rios e solo, etc. Para que se atente melhor ao problema, dados do IBGE de 2020 mostram que ainda há 2.663 lixões em cerca de 2.500 municípios espalhados pelo Brasil (Pires; Oliveira, 2021)

Ao considerar espaços de descarte como espaços de descarte de resíduos gerados por humanos (aterros e lixões) e resíduos humanos (cemitérios), se entende rapidamente os seus paralelos. No planejamento urbano, a conexão entre cemitérios e depósitos de lixo pode ser entendida de várias maneiras, que brevemente apresentamos aqui nos seus mais claros fatores. Em primeiro lugar, tanto cemitérios quanto aterros sanitários requerem consideração cuidadosa no planejamento urbano, isso devido às suas significativas implicações em relação ao uso do solo, considerando fatores como impacto ambiental, saúde pública e aceitação pela comunidade.

Outro fator se refere ao fato de que, tanto cemitérios quanto depósitos de lixo podem ter implicações ambientais. Depósitos de lixo, especialmente os mais antigos, podem potencialmente contaminar o lençol freático e o solo se não forem gerenciados adequadamente. Cemitérios, por outro lado, podem exigir o gerenciamento cuidadoso das práticas de sepultamento para prevenir a contaminação ambiental. Por fim, à medida que as cidades crescem e se desenvolvem, a terra se torna cada vez mais valiosa. Cemitérios podem enfrentar pressões para reurbanização em outros usos da terra, potencialmente levantando debates sobre prioridades de uso da terra e preferências da comunidade. Ademais, aterros e lixões são vistos como única fonte de renda de catadores e famílias precarizadas, adquirindo assim um aspecto cultural de bairro, porém, não urbanizado e negligenciado.

Como exemplo prático de sua similaridade podemos analisar a URBAM - Urbanizadora Municipal S.A, sociedade que tem a Prefeitura de São José dos Campos como sua acionista majoritária. Esta, é a empresa responsável por toda a ação de Gerenciamento de Resíduos Sólidos da cidade, tais como a operação do aterro sanitário, operação do centro de triagem, coleta e destinação de resíduos de serviços de saúde, varrição de sarjetas e guias das vias e logradouros públicos, varrição de feiras livres, coleta seletiva de resíduos, coleta de resíduos inservíveis e volumosos, coleta de resíduos eletroeletrônicos, lavagem de vias públicas pós-feiras livres, etc. Sua atuação abrange ainda o serviço funerário e o velório municipal, a administração dos cemitérios de São José dos Campos, sendo responsável assim por toda a questão sanitária e de descarte de resíduos do município.

Compreender essas conexões seria de extrema ajuda aos planejadores urbanos, auxiliando na tomada de decisões informadas sobre uso do solo, desenvolvimento de infraestrutura, sustentabilidade ambiental e engajamento comunitário. As características únicas de cada local e as necessidades da comunidade devem ser, por óbvio, cuidadosamente consideradas para garantir um desenvolvimento

urbano responsável e sustentável. O conceito de "não-lugares" de (Augé, 2012) diz respeito, principalmente, a espaços modernos caracterizados pela transitoriedade, anonimato e falta de interação social. Cemitérios, por outro lado, representam espaços tradicionais, frequentemente profundos e significativos, associados à memória, rituais e comunidades. Porém, como discutido por este autor, existem certas características nos espaços modernos que se mostram importantes, mas anônimos para o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Estes, chamados de não-lugares, Augé (2012) argumenta que refletem tendências mais amplas na sociedade contemporânea, como aumento da mobilidade, globalização e consumismo. Eles até serviriam a propósitos funcionais, mas carecem do senso de pertencimento e identidade encontrados em espaços públicos tradicionais. Sendo assim, cabe discutir a importância destes em seus sentidos simbólicos e funcionais.

Em sentido territorial, pode-se dizer que os territórios de descarte, que se demonstram como grande todo território "funcional" tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território "simbólico" tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja. (Haesbaert, 2007, p. 4). Este autor entende espaços funcionais como aqueles que têm uma utilidade prática e operacional clara, como áreas industriais, comerciais, residenciais e infraestrutura de transporte. Esses espaços são organizados e utilizados para atividades específicas que sustentam a economia e a vida cotidiana das pessoas. Já os espaços simbólicos são aqueles que possuem significados culturais, históricos ou emocionais profundos para uma comunidade ou sociedade. Eles incluem locais como praças históricas, monumentos, locais sagrados, cemitérios, entre outros, que representam identidades coletivas, memórias compartilhadas e valores culturais.

Por fim, deveremos entender a Teoria dos Circuitos (Baptista; Rezende, 2015) - um conceito utilizado no planejamento urbano e regional para descrever a organização e a interligação de diferentes atividades econômicas e sociais dentro de uma área geográfica específica. Esta teoria foi desenvolvida para compreender como as atividades humanas se distribuem e interagem em um espaço urbano ou regional, influenciando o desenvolvimento e a estruturação dos lugares. A análise dos circuitos também considera a infraestrutura e as redes que conectam os diferentes locais e atividades dentro de uma região. Isso pode incluir infraestruturas físicas, como estradas e telecomunicações, bem como redes sociais e de conhecimento. Esta teoria, porém, não engloba o fim de tudo o que é produzido e de tudo o que foi vivo - o descarte.

Discussão

Pierre Nora em: Entre Memória e história: problemática dos lugares afirma que "lugares de memória são, antes de tudo, restos" (Nora, 1993, p.12). E é exatamente o que está contido nos cemitérios: restos de um período passado, distinto do nosso, do contemporâneo. E a existência desses lugares de memória baseia-se, como diz esse autor, "no sentimento que não há uma memória espontânea" (Nora, 1993, p. 13), De forma similar nas palavras de Jacques Le Goff:

> A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os "arquivos de pedra" acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea. (Le Goff, 1990, p. 373-374)

Haesbaert (2024) explora como espaços funcionais e simbólicos interagem e se complementam na configuração do ambiente urbano e rural. Este autor argumenta que esses espaços não são mutuamente exclusivos, mas frequentemente coexistem e influenciam-se mutuamente, moldando as dinâmicas sociais, políticas e econômicas em diferentes escalas geográficas.

Comparemos, então, estas ideias com espaços de descarte. Aterros sanitários são espaços funcionais essenciais para a gestão de resíduos sólidos urbanos. Eles têm a função prática de receber, tratar e dispor adequadamente dos resíduos gerados pela população. Esses espaços são projetados com critérios técnicos e operacionais para garantir a segurança ambiental e a minimização dos impactos negativos à saúde pública. Apesar de sua função predominantemente técnica e operacional, os aterros sanitários também possuem aspectos simbólicos e sociais importantes. Eles podem ser vistos como lugares de estigma e marginalização devido aos estereótipos associados à gestão de resíduos. Além disso, a proximidade de comunidades com aterros sanitários frequentemente levanta

questões de justiça ambiental e social, refletindo desigualdades no acesso a espaços saudáveis e seguros.

Comparando com cemitérios, observa-se que estes são espaços funcionais projetados especificamente para o sepultamento de indivíduos falecidos. Eles possuem infraestrutura dedicada para a inumação, como sepulturas, túmulos, jazigos e columbários, além de áreas para cerimônias funerárias e de memória. Além de sua função prática, os cemitérios possuem profundos significados simbólicos e culturais.

Para se compreender a configuração dos cemitérios urbanos, é fundamental entender o conceito de urbanização, na perspectiva de que o termo engloba um processo constitutivo e transformador da organização espacial, onde comportam fenômenos que dão origem a configurações espaciais distintas relacionadas com diferentes elementos. A urbanização acelerada e o crescimento das cidades, assim como o crescimento populacional em grande proporção, não permitiam mais que os sepultamentos fossem nas capelas e igrejas, pois estas já não comportavam o aumento da demanda de mortos, fato que colaborou para a criação de cemitérios coletivos a céu aberto, presentes no espaço urbano das grandes cidades. (Nascimento, 2016; 2019)

Eles são lugares onde rituais funerários e de luto são realizados, refletindo crenças, tradições e valores culturais da comunidade. Os espaços dentro do cemitério são frequentemente decorados e personalizados pelas famílias para honrar e lembrar os entes queridos, criando um ambiente de conexão emocional e espiritual. Cemitérios são espaços de memória coletiva e individual, em que as histórias das famílias e da comunidade são preservadas ao longo do tempo.Catroga (1999, p. 19-27) afirma que todo simbologia funerária assegura a imortalização na terra, representando um

> cenário miniaturizado do mundo dos vivos e como um teatro catártico de lutos, bem como de produção e reprodução de memórias, de imaginários e de sociabilidades. (Catroga, 1999, p. 27).

As inscrições nas lápides e monumentos funerários não apenas identificam os mortos, mas, também, contam histórias de suas vidas, contribuições e legados. Para Áries (1977, p. 37), essa atitude social traduz a “vontade de individualizar o lugar da sepultura e de perpetuar neste local a lembrança do defunto [...]” com a preocupação “em sair do anonimato e em conservar sua identidade após a morte.”

Com a chegada do modernismo, o que costumava ser conquistado tinha maior valor, visto que gerava o valor de uso por mais tempo. Com a facilidade de reprodução de objetos e espaços, por exemplo, o valor de troca (no sentido literal da palavra), começou a ser aplicado vigorosamente. Do modernismo em diante, com a maior agilidade e escala de produção, o valioso acaba sendo o novo, o “trocado” recentemente. Isso gerou, sem dúvida, um impacto enorme na quantidade de restos e descartes. Pouco se discutiu, porém, sobre os impactos desta enorme escala de descartes e suas consequências.

Conforme observa Stuart Hall, “As transformações associadas à modernidade tardia, diz Hall (2006), libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas e não estavam, portanto, sujeitas a mudanças fundamentais” (Hall, 2020, p. 18). Porém, com o passar do tempo, pode-se perceber, com a chegada do termo não-lugares, enfim, com a chegada do pós-modernismo, chegou também “o novo cotidiano”, como cunhado por Michel de Certeau (2002) em seu livro “A invenção do Cotidiano”, que trata de questões relacionadas à vida cotidiana e à experiência urbana. Este novo cotidiano prioriza a vida, o consumo, a possessão e a compra. Este, porém, ignora que a constante renovação gera o inevitável descarte.

É importante que as pessoas superem a concepção de o tabu e o medo associado aos cemitérios e reconheçam a necessidade de um planejamento mais cuidadoso e inclusivo desses espaços. Cemitérios são locais com um enorme potencial de memória e respeito, e um melhor planejamento pode transformá-los em ambientes mais acolhedores e integrados às comunidades. Isso envolve considerar aspectos como paisagismo, acessibilidade, segurança e sustentabilidade ambiental. Além de preservar a história e a cultura de uma sociedade, um planejamento bem elaborado pode, também, promover a conservação de áreas verdes e a criação de espaços de contemplação e convívio, contribuindo para a qualidade de vida urbana. Educar e envolver a comunidade no planejamento dos cemitérios é essencial para construir uma relação mais harmoniosa e positiva com esses espaços, transformando-os em lugares de significado e valor para todos.

Assim, associando os cemitérios com os aterros sanitários, podemos concluir que possuem as seguintes relações:

RELAÇÃO	ESPAÇOS CEMITERIAIS	ATERROS SANITÁRIOS
SIMILARIDADES	Equipamento urbano com caráter funcional (Haesbaert, 2007) - finalidade de descarte de resíduos sólidos.	
	Presença de fortes impactos ambientais - vírus, bactérias, poluição e neochorume. Necessita de gerenciamento ambiental.	
	Espaço parado no tempo, não representando evolução significativa em seu estilo construtivo padrão e na sua integração com o planejamento urbano.	
DIFERENÇAS	Espaço de uso público, sendo frequentado por familiares, trabalhadores e usuários diversos.	Espaço de utilidade pública, mas frequentado somente pelo seus trabalhadores.
	Âmbito cultural e artístico. Famílias responsáveis pela estética de cada lápide.	Local sem a presença de viés estéticos ou artísticos.
	Local de identidade cultural e social - caracterizado como simbólico (Haesbaert, 2007)	Falta de qualquer identidade ou identificação - não podendo ser caracterizado como simbólico (Haesbaert, 2007

Conclusão

Podemos, certamente, concluir que o adequado gerenciamento dos resíduos sólidos é fundamental para os aterros sanitários, porém, devemos frisar que este gerenciamento deve ser bem planejado, com o objetivo de minimizar os impactos negativos ao meio ambiente e à sociedade de uma maneira geral. Nesse sentido, para ser eficiente, este planejamento deveria considerar a escolha de locais que minimizem a contaminação do solo e águas subterrâneas, bem como considerar o impacto sobre as comunidades vizinhas. Os investimentos em tecnologias de tratamento de lixo, como a compostagem e a reciclagem, deveriam, da mesma forma, serem integrados ao planejamento para diminuir a quantidade de resíduos destinados aos aterros. Além disso, destaca-se a necessidade de implementar medidas rigorosas de controle ambiental e monitoramento, permitindo que os aterros sanitários operem em padrões ambientais aceitáveis e que as comunidades locais sejam protegidas de quaisquer riscos à saúde pública

> Quando ocorre a comparação das semelhanças de um cemitério com um aterro sanitário é possível notar alguns aspectos, pois em ambos se enterram materiais orgânicos e inorgânicos. No entanto, quando se trata do cemitério, há um agravante: a matéria orgânica que é enterrada tem a maior possibilidade de carregar consigo bactérias e vírus, os quais foram a causa da morte do indivíduo, e isso pode colocar em risco tanto o meio ambiente, como a saúde pública. Sendo assim, ao fazer a comparação de um cemitério com um aterro sanitário não é tão incomum, pois os materiais orgânicos e inorgânicos depositados em grande parte são em locais que não receberam estudos anteriores para sua implantação e que coloca a saúde pública e do meio ambiente em risco (Nascimento, 2022, p. 77)

O conceito de não-lugares, lugares simbólicos e funcionais, e os ciclos de planejamento podem estimular a reflexão sobre como os espaços urbanos são projetados e vivenciados, incluindo a importância de manter conexões culturais e históricas e funcionais dentro do ambiente construído. Aceitar o descarte como a única certeza final de todo processo é a única maneira para que esta categoria demonstre sua total eficiência e importância. Todo conceito se esgota no tempo. (Santos, 1997, p.10). Deve-se então mudar a produção e a reputação do espaço, para não o destruir.

Referências

ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade**.** 9ª. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BAPTISTA, T. W. F.; REZENDE, M**.** A ideia de ciclo na análise de políticas públicas**.** In: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F (orgs.). **Caminhos para análise das políticas de saúde**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015.

CATROGA, F. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos**, 1756-1911. Coimbra: Minerva, 1999.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOUVEIA, N. **"Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social"**. Ciência & Saúde Coletiva, vol. 17, p. 1503-1510, 2012.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia**, v. 9, n. 17 (2007), **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia** – Universidade Federal Fluminense. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531. Acesso em: 16 ago. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª. ed. Rio de janeiro: Lamparina, 2020.

LE GOFF, Jacques. 1924. **História e memória** / tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

NASCIMENTO, Francisleile Lima; SENHORAS, Elói Martins. Análise ambiental comparada dos cemitérios urbanos e aterros sanitários. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 9, n. 25, p. 70-79, 2022.

NASCIMENTO, F. L. **Análise descritiva do cemitério público urbano localizado na região Norte no Estado de Roraima -RR** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Bacharelado em Geografia). Boa Vista: UFRR, 2016.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares.** In Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII-XLII. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História, 10 de dezembro de 1993.

PIRES, Y.; OLIVEIRA,N**."Aumento da produção de lixo no Brasil requer ação coordenada entre governos e cooperativas de catadores".**Portal Eletrônico da Agência Senado [7/6/2021]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 20/09/2024.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem** - Milton Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Agradecimentos

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por ter tornado o meu período de estudos possível e a todo o corpo de trabalhadores e docentes da Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UNIVAP que desempenharam papel crucial para o aprendizado.